

O PAPEL DA IGREJA LUTERANA COMO FATOR DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA PARA OS POMERANOS DE ESPIGÃO DO OESTE (RO)*



Marilina Serra Pinto**, Fábio Martins Silva***

Resumo: *o trabalho aponta as estratégias de manutenção e reprodução da identidade étnica da comunidade pomerana do município de Espigão d'Oeste em Rondônia, especificamente, discutindo o papel que a Igreja Luterana exerce sobre a comunidade, pois, a terra, família, propriedade e língua nativa formam a sustentação dos traços culturais significativos observados. A Igreja Luterana, ainda, detém função social importante para os pomeranos, seu papel na manutenção da moral cristã orienta a conduta diária da comunidade, a convivência familiar, social e as decisões políticas, principalmente, no ascetismo da conduta econômica e laboral, exercida pelo poder ideológico na manutenção desse ethos.*

Palavras-chave: *Pomeranos. Luteranos. Terra. Fronteiras étnicas.*

O problema discutido nesse artigo associa uma espécie de moral religiosa determinante para a manutenção de valores étnicos e identitários que foram confrontados com outros modelos de alteridade praticados em territórios distintos, aqui estamos nos referindo à sócio diversidade existente no Brasil, produto das várias correntes migratórias.

Rondônia, situada no Norte do Brasil, chama atenção dos pesquisadores, em função de algumas das suas peculiaridades locais. A partir de uma leitura sociológica,

* Recebido em: 25.05.2020. Aprovado em: 19.03.2021. Este artigo tem por base uma pesquisa de campo realizada por ocasião do estudo de mestrado realizado por Fábio Henrique Martins da Silva, com dissertação defendida e aprovada pelo respectivo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas.

** Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP). Mestre em Filosofia do Conhecimento (Universidade do Porto). Professora no Departamento de Filosofia - Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Universidade Federal do Amazonas). *E-mail:* marilina-pinto@ig.com.br

*** Mestre em Sociologia (UFAM). Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais (FAFIRE). Professor concursado pela Secretaria do Estado da Educação. *E-mail:* fhmsilva@bol.com.br

percebemos que, no município de Espigão do Oeste existe uma das colônias mais numerosas de pomeranos no Brasil. Esse grupo distinto é originário de tribos germânicas que passaram a habitar uma região situada entre a Alemanha e Polônia, na costa sul do Mar Báltico, denominada de Pomerânia, cuja extinção se deu após a derrocada da Alemanha, nos pós Segunda Guerra Mundial. No entanto, o processo de saída desse povo, da Europa para as Américas, em busca de melhores condições de vida, já havia iniciado na segunda metade do século XIX.

Essa colônia desempenha um modelo de extrema relevância étnica por sua persistência no sentido de preservar valores culturais e sociais, a maioria deles trazidos de sua terra de origem. Observamos ainda que, o modo de vida dos seus membros, ou seja, o *habitus*, pautado nas ações desempenhadas em seu cotidiano e em seus valores simbólicos, diferenciava-se, sobremaneira, em diversos aspectos da cultura nacional. Atualmente, apesar das diferenças e do isolamento da vida colonial e agrícola, existe uma interação com a sociedade nacional bastante equilibrada, e até certo ponto, dinâmica.

O que se pretendeu com esta investigação foi visualizar e analisar as fronteiras étnicas e as estratégias de reprodução social identitárias desta comunidade pomerana que reside no município de Espigão do Oeste, estado de Rondônia, utilizando como recorte alguns de seus traços culturais mais expressivos e significativos, e realizar sua leitura a partir da teoria das fronteiras de Fredrik Barth (1998).

Em termos metodológicos, o princípio da identificação do *habitus* serviu para classificar os limites dos traços culturais que se mantiveram ou se reproduziram, considerando que a etnicidade é um processo ativo e interativo com outros diferentes, e essa interação é passível de mudanças necessárias. Observamos que neste processo categorias como: língua, religião, terra e estrutura familiar, eram entendidos como traços culturais muito fortes.

Cardoso de Oliveira (1976, p. 34), outro teórico consultado na investigação desse problema, ao conceber a identidade étnica como uma “representação coletiva” de um determinado grupo inserido numa situação de contato, corroborou também com nossas questões de pesquisa. Portanto, aqui, partimos da premissa de que “identidades e categorias étnicas são representações coletivas produzidas em contextos sociais interculturais”. O conceito de fronteira étnica atua como estratégia de resistência às mudanças ou influências que possam abalar valores ou significados culturais de um povo condenado à dispersão e em situação de vulnerabilidade. O modelo teórico proposto nos ajudou a isolar os elementos mais expressivos que atuaram como forma de coesão do grupo, os quais, permitiram a ressignificação simbólica do modo de ser pomerano em terras e situação econômica e social muito diferentes das origens dos seus antepassados.

No caso em questão, a religião e a vocação agrícola foram fatores determinantes para a manutenção da etnicidade do grupo pomerano, considerando que, ambas, se complementam nessa relação dialética, na qual a Igreja Luterana sempre atuou como formadora da base ideológica ou simbólica em seu *ethos* voltado para o trabalho; e a agricultura, atua como base material, como a vocação de uma região, a Pomerânia, que historicamente, foi uma das últimas a abandonar o sistema feudal e ter acumulado conhecimento escasso acerca do processo de industrialização.

O desenvolvimento dessa pesquisa junto à comunidade pomerana de Espigão do Oeste foi realizada Silva (2016; 2018) como exigência para obtenção do grau de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, cujo material, posteriormente, serviu de base para a elaboração deste artigo.

POMERANOS DE RONDÔNIA

O grupo pomerano que ocupou Espigão do Oeste em Rondônia é oriundo de um grande fluxo de migração para o Brasil, começado no século XIX, e consolidado no século seguinte, como política de Estado. Segundo Rölke (1996, p. 46) “há uma estimativa que para cá tenham vindo trinta mil migrantes, sendo que as primeiras levadas desembarcaram no porto de Vitória, no Espírito Santo”; em sua trajetória de migração os pomeranos provenientes da Europa passaram por esse estado até chegar à Rondônia em 1969.

De acordo com Link (2004, p. 19) o grupo teve que enfrentar o preconceito político do período da Segunda Guerra, e ao mesmo tempo livrar-se da política de branqueamento racial implementada pelo governo brasileiro que vislumbra-va o futuro no desenvolvimento do capitalismo difundido pelo pensamento positivista. Os pomeranos de Rondônia são a quarta geração de imigrantes descendentes de um povo que enfrentou situações difíceis, como por exemplo, as perseguições sofridas durante a Campanha de Nacionalização do governo Vargas nos anos de 1938 a 1945, durante e após a 2ª Guerra Mundial. Bahia (2011, p. 99) relata que, “neste período houve repressão à publicação e ao ensino da língua alemã, proibição de falar em público, perseguição aos membros da Igreja Luterana e destruição de propriedades de imigrantes ou descendentes de países inimigos dos aliados”.

Essa página infeliz da nossa história, no entanto, motivou as frequentes manifestações de afirmação étnica desse povo. “*Nós* não somos alemães, somos pomeranos!”, disse um dos sujeitos entrevistados, pertencente ao grupo de pomeranos de Rondônia. O desejo de escapar dos preconceitos oriundos das notícias trágicas que chegavam ao Brasil provocadas pelo nazismo no período da Segunda Guerra e das distorções geradas pelo senso comum que tendia à confusão dos

pomeranos com os alemães, talvez, fosse a grande motivação dessas sustentações identitárias perante à sociedade nacional.

No processo da pesquisa de campo, a etnografia revelou alguns detalhes dessa afirmação identitária. Silva (2016; 2018, p. 28), por exemplo, observou essa distinção nas roupas usadas nas festas que acontecem em torno da produção agrícola, e nas cores das casas pintadas de azul e branco, que são as cores da bandeira pomerana. Essa diferenciação permanece, ainda hoje, quando as mulheres e as crianças participam das feiras locais a fim de comercializar a produção artesanal da comunidade.

Martino Tech, presidente da Associação Pomerana de Espigão do Oeste, relatou, no mês de março de 2014, durante a pesquisa de campo que, em 1969 trouxe em seu caminhão pau-de-arara os primeiros pomeranos para o Norte, naquele tempo a viagem levava entre 10 a 12 dias para cumprir o percurso entre Cuiabá, a capital de Mato Grosso a Pimenta Bueno em Rondônia. Retornando no ano seguinte, juntamente com outros colonos construíram a sede da primeira Igreja Luterana, e em 1972 fixou-se com sua família em Espigão do Oeste.

De acordo com as declarações do Sr. Martino, as primeiras famílias luteranas que chegaram em Rondônia foram os Hollander e os Braun. É importante registrar que esse início da ocupação representou um enorme desafio, dadas as condições precárias do local, os primeiros colonos acamparam às margens do rio Barão de Melgaço, enquanto esperavam que o INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária regularizasse a demarcação das terras. Para cada unidade familiar foram doados cerca de 42 hectares, assim as notícias foram se espalhando rapidamente e atraíram os pomeranos do Espírito Santo que ficaram sabendo dos preços mais acessíveis e de que o atendimento da Igreja Luterana já havia iniciado. Começava assim a saga dos colonos pomeranos no oeste brasileiro.

COMO SER E VIVER EM TERRAS ESTRANGEIRAS?

A maneira como a maioria dos pomeranos de Espigão do Oeste ocupou e trabalha suas terras, caminha na direção contrária ao modelo do capitalismo predatório, podemos afirmar que, sob esse aspecto, os pomeranos não só conseguiram produzir uma agricultura de subsistência, mas ressignificaram seu modo de produção tradicional de maneira a atender as exigências do capitalismo como estratégia de sobrevivência em relação ao restante da população local. Ao mesmo tempo em que conseguiram acompanhar o ritmo do poder de consumo, não se submeteram à necessidade de trabalhar para os outros.

Durante os anos de 1970, houve no Brasil, um longo processo de expulsão de certas camadas do campesinato, tanto por causa da concentração fundiária, quanto das

condições econômicas sobre as pequenas propriedades rurais. Esse fato levou os pequenos agricultores a migrarem para novas terras, principalmente os nordestinos, onde a lavoura canavieira se intensificava e destruía as possibilidades de os pequenos agricultores permanecerem em suas propriedades. O Programa de Integração Nacional criado pelo governo brasileiro na década de 70 visava, entre outras intenções, remanejar mão de obra para a Amazônia a fim de criar condições para sua incorporação na economia de mercado, envolvendo amplas faixas da população anteriormente fixadas na economia de subsistência e condenadas à estagnação tecnológica segundo a lógica do mercado.

O que gerou uma das questões de pesquisa foi pensar como os pomeranos conseguiram driblar algumas estratégias do governo brasileiro durante certo tempo. Acreditamos que um dos fatores decisivos foi a intervenção da Igreja Luterana nesse processo, na forma de orientação e organização familiar e na divisão dos papéis entre os membros das famílias e das comunidades, principalmente, na conduta laboral e na tradição agrária que os acompanha. Consideramos também que a resistência dos colonos ao projeto ideológico do governo não foi uma exclusividade deste grupo étnico. Com relação às duas formas de produção encontradas na região: a agricultura de subsistência e a agricultura comercial ficam evidentes as diferenças entre o *ethos* que determina a forma de racionalidade que estrutura as distintas formas de organização, na sua forma de produzir para o resultado final de suas ações.

O PAPEL DA IGREJA LUTERANA PARA OS POMERANOS DE RONDÔNIA

A Igreja Luterana é vista como fator determinante na trajetória dos pomeranos, desde sua terra natal até a chegada em Rondônia, uma vez que ela sempre esteve presente nas regiões do Brasil marcadas pela presença pomerana. O que nos faz lembrar a afirmação de Weber (2004, p. 7) quando estabelece uma estreita relação entre o comportamento de alguns segmentos religiosos da Alemanha no século XIX, e sua conduta adequada à verdadeira essência do desenvolvimento do capitalismo, guardadas as devidas proporções e diferenças entre os pomeranos e os alemães. No caso dos pomeranos no Brasil, para Link (2004, p. 138) “a Igreja Luterana aparece como garantia de um instituto capaz de gerir e dar proteção ao seu grupo.”

Em relação à chegada dos novos colonos e como contraponto ao modelo protestante, a grande maioria dos nordestinos que ocupavam o município de Espigão do Oeste era de orientação religiosa católica, religião esta que, ao contrário dos luteranos, pregava um comportamento muitas vezes messiânico, totalmente desprovido de qualquer tipo de racionalidade laboral a ponto de criar um *ethos* econômico. Ao contrário dos luteranos, não planejavam suas ações, nem sua

forma de organização, ficando a desejar a lógica da produção capitalista para o fluxo produção/consumo, mesmo dentro da família, como também não estabeleciam valores objetivos de conduta a ser seguida por seus fiéis para atingirem seus objetivos de vida.

Historicamente, os pomeranos ficaram entre os últimos povos a abandonar o feudalismo e a continuarem vivendo de acordo com a fase pré-industrial do capitalismo, mas nem por isso deixaram totalmente de fora, a ética econômica da cultura capitalista, a prova disso, foi o surgimento, em Espigão do Oeste, de uma classe social mais abastada chamada *Melhorança*, como conotação ao empreendedorismo e à defesa do progresso e do capitalismo em conjunto com a preservação das tradições. Pode ser entendida também, segundo pesquisa de campo, como uma alusão ao sobrenome de uma das famílias, oriundas do Paraná, que foram para Espigão do Oeste e fundaram a primeira empresa envolvida com a demarcação de terras.

A formação dessa nova estratificação social mais globalizada foi resultado de situações históricas inusitadas e complexas surgidas após a vinda do grupo para o Brasil. Há que se observar que este processo de estratificação está previsto por Barth (1998, p. 211), ao afirmar que: “quando um grupo étnico controla os meios de produção utilizados por outro grupo, prevalece uma relação de desigualdade e estratificação”, o que necessariamente não altera os limites da fronteira com outros grupos. Atualmente, em Espigão do Oeste, os Melhorança são os grandes proprietários de terras que levam um estilo de vida mais urbano e defendem as melhorias educacionais e técnicas advindas com a modernidade.

Link (2004, p. 10-11) analisou historicamente a comunidade pomerana de Rondônia, durante o período compreendido entre 1967-1987, buscando focar o processo migratório e o acompanhamento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A sede mais próxima de Espigão do Oeste era Pimenta Bueno, que ficava às margens da recém-criada BR-364, também outro ponto de telégrafo.

O ano de 1968 foi um ano de reestruturação para a Igreja Luterana, pois os sínodos que aconteceram no passado foram completamente extintos e surgiram, em seu lugar, quatro Regiões Eclesiásticas que se somaram a mais outras surgidas entre os anos de 1980 e início dos anos 90, denominadas de Distritos Eclesiásticos. Em 1997, a IECLB foi dividida novamente em dezoito sínodos.

A IECLB não estava insensível à situação das 7 famílias que haviam migrado do Espírito Santo para Pimenta Bueno/RO. Exercendo certo tipo de monitoramento, alguns pastores dos Sínodos do Espírito Santo a Belém e do Planalto Central constataram a necessidade do atendimento espiritual dessas famílias, segundo a correspondência do Rev. Jost Ohler, citada por Link (2004d, p. 69).

O que não deixa de implicar também na disputa por esse espaço territorial-simbólico que se via ameaçado pelo assédio de outras denominações religiosas como a

Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), originária de grupos alemães que vieram dos Estados Unidos da América, e que já estariam prestando assistência na região, segundo Discher (1971 *apud* LINK, 2004, p. 69) e, portanto, “diferente da Igreja-Mãe que lutava pela preservação das características germânicas”.

De acordo com as informações prestadas na Ata de Fundação da Comunidade de Espigão do Oeste, analisada por Link (2004f, p.74),

no mês de junho de 1972 foi realizado o primeiro culto pelo Pastor Geraldo Schach, ocupante efetivo do cargo, empenhado também em assistir espiritualmente também as famílias que foram para Espigão do Oeste, distante 35 quilômetros de Pimenta Bueno.

A natureza dos serviços prestados pela IECLB às comunidades de Rondônia tinha a pretensão de abarcar o cuidado espiritual e material dos seus membros, ou seja, além da dimensão do culto, passou-se também à preocupação com a vida sócio-política da comunidade. Tal demanda surgiu na V Assembleia Geral da Federação Luterana Mundial, realizada em 1970. Segundo Miguez-Bonino (*apud* LINK, 2004, p. 83),

entre os modelos latino americanos de protestantismos encontrados, a IECLB foi classificada como igreja de imigração ou étnica. Predominantemente germânica, porque não surgiu de missão entre o povo nativo, mas devido à imigração de protestantes para o Brasil, motivados pela crise do sistema econômico europeu no século XIX.

A segunda metade do século XX, especialmente os anos 60 e 70, foram época de efervescência dos movimentos políticos e sociais a nível mundial, sobretudo, em função da polarização dos regimes capitalista e comunista, frutos do pós-guerra. Os luteranos não ficaram alheios a todo esse processo, e juntamente com outras denominações religiosas cristãs tiveram que assumir um posicionamento político. Em Rondônia, a IELCB colocou em prática projetos ousados relacionados à criação de escolas, fazenda experimental, assistência sanitária, entre outros, motivados pela crítica feita aos projetos desenvolvimentistas nacionais que acabaram impulsionando as ondas migratórias para a Amazônia, fosse pelo interesse do capital internacional, fosse pelo problema de segurança das fronteiras.

Inicialmente, a comunidade inteira se engajou de forma voluntária e ativa nesses projetos, no entanto, em função dos acontecimentos políticos, sobretudo, com a chegada dos militares ao poder, havia também uma parcela da Igreja que

apoiava a ditadura e, se posicionava contra a organização política do campesinato. Pontuamos essa flutuação dos acontecimentos, uma vez que a onda expansionista das fronteiras agrícolas brasileiras e as políticas de ocupação do território também está, de certa forma, diretamente relacionada com a História da Igreja e de suas opções ideológicas.

O fato é que a migração pomerana luterana do Espírito Santo para Rondônia se deu neste contexto de exploração de novas frentes agrícolas, pré-requisito essencial para a manutenção da etnicidade desse grupo; por sua vez, a busca da melhoria de vida material com a aquisição de terras só estaria completa se houvesse também mecanismos simbólicos ideológicos capazes de preservar os costumes culturais herdados, cujo empreendimento foi abraçado pela IELCB.

Se a germanidade, traduzida pelo uso da língua alemã, e a afirmação da confissão religiosa luterana vivida ativamente pela comunidade representavam as aspirações dos migrantes e dos descendentes teuto-germânicos na manutenção dos seus laços culturais, por outro lado, a brasilidade nada tinha a ver com o nacionalismo proposto no Estado Novo que via na presença estrangeira uma ameaça. O que se almejava era viver em terras, como o Brasil, que oferecessem oportunidades do bem viver que se tornaram impossíveis na Europa para este e outros grupos.

Ter uma comunidade formada significava o estabelecimento de uma rede de relações e interações entre as famílias que tinham que lutar para vencer as dificuldades comuns, como a falta de transporte, de assistência médica, o baixo preço da produção agrícola, o isolamento no interior da floresta. Neste sentido, antes mesmo da presença efetiva da igreja, os colonos reuniam-se na casa de alguém para a leitura bíblica, para as orações e conversas que, de algum modo, nesse ambiente de precariedade, onde os caminhos para se chegar às casas uns dos outros para visitas, não passavam de picadas abertas no meio da floresta, supriam a necessidade de alimentar a espiritualidade, pois “ser pomerano-luterano significava, sobretudo, ser camponês e professar o culto religioso”, conforme afirma Meyer (2000 *apud* LINK, 2004, p. 61).

Martin Discher se destacou como o primeiro líder comunitário em 1970, pois na ausência do Pastor, era ele o encarregado de conduzir as leituras bíblicas. Dois anos, após intensa troca de correspondência com a igreja da sua comunidade de origem no Espírito Santo, solicitando a ida de uma liderança, Discher conseguiu que assim chegasse o primeiro obreiro para trabalhar na comunidade em 1972.

Com a chegada da IELCB em Rondônia, a Igreja Luterana em sua institucionalidade, assumiu o papel de aglutinadora dos crentes em torno do culto. O que era muito importante pela presença viva das lideranças religiosas, fossem pastores ou obreiros, pois só ela, concentrava o poder de conduzir os fiéis nos momentos marcantes da vida social, principalmente, nas ocasiões de passagem, como nascimento, casamento e morte.

A palavra do Pastor, segundo relatos dos entrevistados, chancelava o modo como a comunidade deveria ser conduzida. Segundo Droogers (1984, *apud* LINK, 2004, p. 62), “a presença da Igreja entre os pomeranos significava um sinal da presença de Deus em suas vidas; num local onde tudo era incerto, essa certeza alimentava a fé e a esperança em dias melhores”.

Segundo Meyer (2000 *apud* LINK, 2004, p. 64), a igreja se transformou, neste caso, em instância de poder e de resistência, articulada com os pomeranos contribuiu de modo decisivo no processo de ressignificação cultural pelo qual o grupo vinha passando desde sua chegada ao Brasil.

De acordo com Oliveira e Pinto (2019, p. 69):

em relação ao estudo da tipologia das lideranças religiosas em comunidades rurais na Amazônia, o que se percebe de forma recorrente é que o poder local das comunidades tem como reforço os laços familiares ao combinarem os tipos de dominação institucional com o carisma das lideranças masculinas, uma vez que são eles que formulam as soluções simbólicas para os problemas sociais.

No ascetismo de sua conduta econômica e laboral, a Igreja continua exercendo forte papel ideológico na manutenção dos traços de sua identidade que demarcam a fronteira étnica, no entanto, por seu caráter de acolhimento universal cristão, recebe também influência de novos membros que passam a participar da igreja através dos laços conjugais e terminam por trazer modificações na forma de pensar dos integrantes. Entendemos que neste processo o núcleo forte da identidade étnica pomerana, que se mantém na fronteira, é uma estrutura econômica complexa, composta pela tríade: trabalho, família e propriedade, que são a base do seu modo de produção, e sem este núcleo não seria possível a cultura pomerana se sustentar.

OS POMERANOS VISTOS PELAS TEORIAS DE FRONTEIRA DE FREDRIK BARTH

O conceito de identidade étnica neste trabalho orientou a identificação de elementos culturais próprios da cultura pomerana, com a intenção de analisar sua permanência, reprodução ou ressignificação em seu cotidiano, com vistas a compreender as estratégias ou circunstâncias que levaram este grupo a mantê-las consigo até hoje no estado de Rondônia.

Para um estudo etnográfico com coleta de dados mais aprofundada junto à comunidade observada foram examinadas algumas teorias da etnicidade, entretanto, aquela que julgamos mais adequada à nossa análise foi o estudo de Fredrik Barth (1998, p.196) sobre Grupos Étnicos e suas Fronteiras, pois ele entende que

“a manutenção das fronteiras da etnicidade não resulta do isolamento, mas da própria inter-relação social”. Quanto maior for a interação entre os diferentes grupos, mais potente ou marcado será o limite étnico, não somente o contato com outros grupos, mas também o vínculo com o ambiente influirá para que em um contexto determinado se manifeste ou não uma categoria étnica.

A partir dessa premissa, Silva (2016; 2018) realizou sua pesquisa empírica no município de Espigão D'Oeste entre os dias 17/03/14 e 22/03/14 com os pomeranos residentes no núcleo urbano e no setor rural onde vivem em comunidade, retornando na semana de sua festa entre os dias 25 e 29 de julho de 2015, quando foram realizadas novas entrevistas, conversas e observações diretas reforçando os déficits dos dados referentes à incursão anterior. Segundo o pesquisador, apesar de ser um grupo étnico com todas as classificações padronizadas como: crenças, aparência, preservação da memória histórica, presença da língua materna, religião e relação com a terra, como viviam seus antepassados, eles conseguem manter forte contato com pessoas de outros grupos, situação adequada para um estudo de caso a partir da leitura de Barth.

A noção de *ethnic boundary*, elaborada por Barth, marcou uma virada importante na conceptualização dos grupos étnicos e representa um elemento central na compreensão dos fenômenos de etnicidade. Para que a noção de grupo étnico tenha um sentido é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acreditam que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores implicados em outro sistema social, ou seja, as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles.

As características que são levadas em consideração, não são a soma das diferenças objetivas, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. Tais categorias podem ter grande importância para o comportamento, mas não precisam necessariamente ser desta forma, elas podem permear toda a vida social, ou podem ser relevantes apenas para setores limitados de atividade. Segundo Barth (1988, p. 191): “O traço organizacional deve ser encontrado em quaisquer relações interétnicas, consiste em um conjunto sistemático de regras dirigindo os contatos interétnicos”. Identificar como categoria, para fins de estudo, os aspectos considerados relevantes em setores estratégicos manifestos pelo grupo já seria um recorte de suma importância na análise da identidade pomerana no cotidiano. Esse foi o ponto de partida de nossa pesquisa, principalmente pela capacidade de contenção de legitimidade que este tipo de pesquisa costuma identificar.

Retomando à questão da língua, a comunidade se refere à sua variedade linguística como língua pomerana. Eles têm na memória que são pomeranos; rejeitam a identidade de alemão ou polonês, levando em consideração as respostas dos

entrevistados a respeito de sua etnicidade, eles afirmam que não são poloneses nem alemães; consideram-se pomeranos da Pomerânia. De acordo com Silva (2016, p. 72):

A língua materna, usada no cotidiano das famílias, é falada por todos os membros mais velhos e quase todos da zona rural. Na zona urbana os jovens não se interessam tanto em manter a língua original, vale salientar o papel das mulheres na garantia do aprendizado e da manutenção da língua, mesmo na área urbana elas ainda hoje assumem o papel na família de ensinar aos filhos a língua materna.

Em alguns casos, as atitudes da comunidade dos pomeranos de Espigão do Oeste frente às línguas utilizadas, isto é, o pomerano e o português, não são uniformes, segundo esses sujeitos: é preciso aprender a língua portuguesa porque esta é a língua dos negócios na cidade, mas não devem esquecer a língua materna. Todos os 11 entrevistados foram unânimes em concordar com a necessidade de aprender a língua portuguesa “porque para se comunicar, trabalhar e fazer negócio é preciso falar português”.

Em relação aos aspectos da terra e das uniões matrimoniais, esses são alguns dos mais significativos traços estruturais de manutenção da identidade pomerana, que se consolidam pela preservação das fronteiras estabelecidas por traços culturais do casamento. Foram identificados alguns elementos culturais que estabelecem fronteiras muito bem delimitadas como suporte da cultura, dando continuidade à manutenção da estrutura social do grupo e do patrimônio das famílias pomeranas, mesmo ao sofrerem algumas variações, por exemplo, o desfecho da herança é feito pelo pai ainda em vida. A terra é desdobrada em partes iguais ao número de filhos homens, a outra metade vai para o filho caçula, se for do sexo masculino, que terá a incumbência de cuidar dos pais até o dia de sua morte.

Concluimos a esse respeito que tanto o valor simbólico como o material atribuído aos traços acima, são motivados pelo desejo de preservar o patrimônio entre os membros da família, através da relação de parentesco e do patriarcalismo, preservar a proximidade geográfica e social gerando a interdependência dos membros da família, haja vista, que as filhas não têm direito à herança e consequentemente deveriam se unir a um herdeiro pomerano. Em segundo lugar, garantir a subsistência dos pais pelas incumbências morais e religiosas atribuídas ao filho mais novo, aconselhadas pela igreja, e ao mesmo tempo, preservar os valores sociais e religiosos garantindo, por um tempo maior possível, o patrimônio da família.

Em estudo realizado por Pessoa (1995, p. 111) um velho ditado alemão, repetido entre os pomeranos diz que, “ao casar, não se deve olhar para cima nem para baixo,

mas para os lados”, ou seja, a pessoa deve casar com alguém de seu próprio meio. Para se casar é preciso prestar atenção nos costumes, observar o comportamento e a boa fama da pessoa.

Considerando que a pesquisa de Pessoa foi realizada em 1995, vinte anos após esse tempo, os entrevistados, alguns alegaram que sua herança advém da antiga tradição, algumas mulheres reclamam de terem sido vítimas deste sistema e que sua salvação foi ter casado com um pomerano de boa “situação”. Alguns membros desta mesma geração, atualmente pensam diferente, e afirmam que já distribuíram suas terras entre os filhos para que eles “tomem rumo na vida” ou os mantêm unidos trabalhando na terra e, esperam que quando morrerem, eles mesmos decidam como ficará a partilha da herança.

Quanto ao casamento com pessoas de outras etnias, principalmente negros, na zona rural, as opiniões são divididas entre os adultos, nesse caso, o pesquisador observou certa resistência à aceitação de “pessoas de cor” como integrante da família, mas devido à escassez, principalmente, de homens pomeranos, é admissível o casamento com outras etnias, contanto que, na medida do possível, essa pessoa siga as tradições pomeranas da religião luterana, a alimentação e tenha disposição para o trabalho ou algum patrimônio.

Retomando a questão religiosa, a postura da Igreja Luterana atualmente se mostra diferente em Espigão do Oeste, pois além de se ocuparem das questões religiosas, trouxeram para o espaço da Igreja a discussão das questões da vida em geral. Em relação a isso vale destacar seu papel preponderante na valorização da língua portuguesa aliada às questões políticas relativas aos direitos e deveres do cidadão brasileiro, enfim, ela sempre buscou tratar da questão da socialização e do exercício da cidadania. Essa situação, exemplifica de maneira muito clara, como em determinados momentos o fluxo de fronteira pode ser utilizado como estratégia para obter ganhos políticos, ou mesmo como a fronteira pode ser ultrapassada sem risco de perda da etnicidade.

Foi observado ainda na pesquisa de campo que, os cultos são liderados pelo pastor ou pela pastora, e uma vez por mês, tais cultos são realizados no centro da cidade, com o objetivo de promover a interação das pessoas residentes na zona rural com a população urbana. Esses cultos realizados fora da zona rural são mais sociáveis e se caracterizam por incluir pessoas não pomeranas. Uma das entrevistadas afirmou que, às vezes, o pastor faz apenas uma oração em pomerano, mas os hinos e os avisos de interesse da comunidade são feitos em língua portuguesa.

É perceptível por parte da Igreja o interesse em difundir amplamente a língua nacional, atualmente, não seria possível banir totalmente o uso da língua pomerana dos cultos religiosos, mas há uma grande insistência por parte dos pastores para que a comunidade possa dominar e interagir falando o português. Foi observa-

do também que, alguns membros da comunidade pomerana aderiram a outras igrejas evangélicas pentecostais, principalmente as mulheres, por influência dos maridos não-pomeranos ou por ter alcançado alguma “graça” que não conseguiam em sua igreja materna.

Pontuamos também, as dissidências existentes entre as igrejas luteranas de Espigão do Oeste. Segundo relatos alguns membros da categoria dos *Melhoranças*, saíram da Primeira Igreja Luterana do Brasil e fundaram a Igreja Evangélica Luterana Renascer, no ano de 2005, os mesmos alegavam que existia um pastor muito conservador e que foi substituído por outro que pregava com maior avivamento.

Esses desentendimentos levaram à saída do pastor, que posteriormente retornou, a partir daí foi criado um impasse. A membresia solicitou o afastamento dos dois pastores, o que não foi atendido pela cúpula da Igreja; em represália metade dos membros saíram e fundaram a nova igreja. O fato nos levou a pensar que, os *Melhoranças* desejam uma igreja luterana menos tradicional para que eles tenham liberdade de adotar um estilo de vida mais condizente com suas necessidades atuais dentro do contexto capitalista, podendo exercer mais influência na comunidade. No entanto, apesar dessas mudanças, eles ainda seguem a maioria dos princípios da tradição pomerana, o que corrobora a ideia de que a utilização da fronteira étnica requer uma certa racionalidade estratégica pelos membros de um grupo étnico mesmo nos momentos de transformação.

A partir da leitura de Barth observou-se que, as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam, em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informações, mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas, apesar das transformações na participação e na pertença cultural no decorrer da história de suas vidas individuais. Considera-se que relações sociais estáveis, são mantidas através dessas fronteiras e são, frequentemente baseadas nos estatutos étnicos dicotomizados, ou seja, as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação empreendida na comunidade pomerana do município de Espigão do Oeste em Rondônia contribui com os estudos para a compreensão da Formação Social do povo brasileiro, ainda em curso, uma vez que grupos sociais desta natureza permanecem invisíveis na História da Amazônia. São necessárias contribuições como esta, a fim de desmistificar teses equivocadas como as que

defendem a questão da Amazônia como polarizada entre a questão indígena e a ambiental.

É certo que os pomeranos, bem como todos os grupos étnicos que contribuíram para a expansão das fronteiras territoriais e agrícolas no Brasil, tiveram contato com os indígenas, mas aqui tratou-se da análise e da observação de um grupo étnico, em situação de vulnerabilidade, pelos inúmeros preconceitos sofridos desde a extinção da sua terra natal, a Pomerânia, que os levou à busca por um futuro melhor, até seu estabelecimento no Brasil e na Amazônia, sem esmorecerem do ideal de preservação do seu *ethos* cultural.

O trabalho diz respeito ainda, às formas de penetração histórica do capitalismo na nossa região bem como no restante do Brasil rumo ao projeto atual da economia do mercado globalizado. Aqui cabe questionarmos se, a Amazônia integrou-se, de fato, ao capitalismo. Assistimos ainda algumas manifestações urbanas nos Trópicos que nos fazem pensar nas escolhas impostas pelo sistema: - Vamos ao shopping ou ao igarapé? O amazônida ainda resiste à manutenção de seus valores mais caros, assim como os pomeranos que em seu *habitus* fincado nos elementos étnicos que lhes dão sustentação, quais sejam, a terra, a família e a religião, conforme foi constatado nessa investigação, uma vez que os mesmos conseguem manter em pleno século XXI a fronteira cultural que impediu a diluição da sua identidade de origem, influenciados pelo Protestantismo de Imigração da Igreja Luterana, responsável pela manutenção da conduta ética de raiz, no Estado de Rondônia, e por recriar simbolicamente seu universo, valores e costumes.

Entendemos que o núcleo forte da identidade étnica pomerana, que se mantém como fronteira étnica, é uma estrutura econômica complexa, composta pela tríade terra, trabalho e família, que são a base do seu modo de produção, e sem este conjunto de elementos a cultura pomerana não poderia existir. Laços esses, alicerçados, reproduzidos e reforçados pela conduta ética do ascetismo luterano, cujo agenciamento cabe à vivência da dimensão do sagrado institucionalizado pela Igreja.

Nesse sentido, colocar em discussão tais modos de sociabilidade religiosa é contribuir para elucidar a própria História do Protestantismo nas Américas, esforço que tem ocupado estudiosos, cujo objetivo é o refinamento da questão da entrada dos cristianismos, católico, reformado, pentecostal e das demais variações que o fenômeno comporta, no continente americano, articulando o local e o global. Como questão de pesquisa, interessa saber quais os desdobramentos evangelizadores das éticas cristãs que serviram de alicerce às condutas comunitárias frente aos desafios sociopolíticos de cada local.

De acordo com Oliveira e Pinto (2017, p. 125) “a vida religiosa amazônica é, majoritariamente, um sistema de crenças e ritos influenciados pelo catolicismo e o protes-

tantismo. Esses dois ramos do Cristianismo tornaram-se, portanto, definidores das matrizes éticas de condutas e valores que permeiam as esferas do sagrado e do profano.” Por meio do seu *ethos*, “organizaram” a vida social amazônica, e ao mesmo tempo, estabeleceram os deveres e os prazeres. Hoje há uma gama de igrejas cristãs que podem ser encontradas em todos os lugares da região amazônica, estruturadas em organizações compostas de liturgias, datas festivas e formação eclesial. As mesmas são fruto do trabalho de organizações missionárias norte-americanas e europeias que exerceram influências na formação da vida religiosa das populações amazônicas no que tange à sua “identidade cristã”, a qual se exprime em estilos de vida, conduta, costumes, valores, princípios.

Finalmente, acreditamos que é também pertinente e atual a abordagem da questão das migrações, problema clássico, tratado já há muito nas Ciências Sociais. No entanto, a questão retorna avivada junto às pautas das agendas econômicas, políticas e religiosas dos países capitalistas em função dos deslocamentos populacionais, cada vez mais avolumados, pelo qual o mundo está passando nos últimos dois séculos.

Em relação à realidade brasileira, pesquisas dessa monta, reforçam a ideia de que a História do Brasil é realmente a história de um país de imigrantes, portador de riquíssima diversidade, fator que deve ser levado em conta na elaboração de políticas públicas por parte do Estado brasileiro. Esse, por sua vez, ao mesmo tempo em que se auto afirma laico, sempre contou com o braço forte das Igrejas na condução dos seus interesses. Constatamos, pela via factual, que a consolidação do capitalismo globalizado, implica, em relação aos deslocamentos populacionais, o fortalecimento de fronteiras étnicas, simbólicas e físicas cada vez mais fechadas e o aumento dos vários tipos de intolerância, principalmente a religiosa.

THE ROLE OF THE LUTHERAN CHURCH AS A FACTOR OF IDENTITY CONSTRUCTION FOR THE ESPIGÃO DO OESTE (RO) POMERANIANS.

Abstract: *the work to point the strategies of maintenance and reproduction of the ethnic identity of the Pomeranian Community the city of Espigão d’Oeste, Rondônia, specifically discusses the role that the Lutheran Church exercises over this community, since, land, family, and native language form the sustaining of the most significant cultural traits observed. The Lutheran Church it was an important social function for Pomeranian culture because its role in the preservation of Christian morals guides the daily conduct of the community, from the Family and social conviviality and the political decisions, and mainly in the asceticism of its economic and labor conduct, in which it exerts strong ideological power in the maintenance of this ethos.*

Keywords: *Pomeranians. Lutherans. Land. Ethnic border.*

Referências

- BAHIA, Joana. *O tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Phillipe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.
- BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- DROOGERS, André. *Religiosidade Popular Luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- LINK, Rogério Sávio. *Luteranos em Rondônia: o processo migratório e o acompanhamento da Igreja Evangélica Luterana no Brasil (1967-1987)*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2004.
- MEYER, Dagmar E. E. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul/São Leopoldo: EDUNISC/Sinodal, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- OLIVEIRA, Liliane; PINTO, Marilina. Estudo das relações sociopolíticas e religiosas em comunidades rurais da Amazônia. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá-PR, v. 11, n. 33, p. 51-7, 2019.
- OLIVEIRA, Liliane; PINTO, Marilina. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. *Revista Estudos da Religião*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 101-125, 2017.
- PESSOA, Maria do Socorro. *Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos em Espigão do Oeste-RO*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 1995.
- RÖLKE, Helmar Reinhard. *Descobrendo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais na Pomerânia*. Vitória. Secretária de Produção e Difusão Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo, 1996.
- SILVA, Fábio Henrique Martins. *Fronteiras Étnicas e Estratégias de Reprodução Social dos Pomeranos no Município de Espigão D'Oeste em Rondônia*. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil, 2018.
- WEBER, Marx. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução José Marcos de Macedo. São Paulo, Companhia da Letras, 2004.